

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE RISCOS  
VI ENCONTRO NACIONAL DE RISCOS

Luciano Lourenço

Afirmar as ciências cindinicas e reequacionar o conhecimento dos riscos e das catástrofes foram as principais preocupações do II Congresso Internacional de Riscos, que se realizou em simultâneo com o VI Encontro Nacional, tendo decorrido no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, entre 22 e 25 de Maio de 2010 (<http://www1.ci.uc.pt/nicif/riscos/>).

O Congresso teve início no fim-de-semana que antecedeu as sessões plenárias, isto é, nos dias 22 e 23 de Maio, com trabalho de campo nas serras da Cordilheira Central (Lousã, Açor e Estrela), bem como na Cova da Beira e Beira Interior. Esta deslocação teve por objectivo o reconhecimento de situações de plenas manifestações de riscos que, nas últimas décadas, tenham afectado esta extensa região, com predominância dos de incêndios florestais e dos hidrogeomorfológicos, bem como a análise da evolução recente do coberto vegetal e das alterações nele introduzidas pela reincidência dos incêndios, e, ainda, a observação do vasto património natural desta região, com destaque para o valioso património geomorfológico.

A área afectada pelos grandes incêndios florestais que, no Verão passado, lavraram no concelho do Sabugal, foi merecedora de análise mais pormenorizada, tendo contado com a colaboração dos responsáveis políticos, técnicos e operacionais que, no local, à chegada, fizeram um minucioso enquadramento das principais operações desenvolvidas para controlar as chamas, explanaram o comportamento do fogo e responderam às muitas questões que lhes foram colocadas. Depois acompanharam os participantes durante o longo percurso que permitiu ficar a conhecer, com suficiente pormenor, tanto a progressão do incêndio como as condições que permitiram o seu desenvolvimento.

Os dias seguintes, 24 e 25 de Maio, destinaram-se à realização de conferências, em sessões plenárias, e à apresentação de comunicações, em quatro sessões temáticas, simultâneas.

A sessão de abertura (fot. 1 a 3) contou com a presença do senhor Ministro da Administração Interna, Dr. Rui Pereira, que, deste modo, entendeu dever contribuir para o estabelecimento de uma relação forte entre a Protecção Civil, que tutela, e os cidadãos, pois a Protecção Civil somos todos nós, ou, como diz o slogan, *é uma tarefa de todos para todos...*!

Para conferencistas, a RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, enquanto entidade promotora deste evento de referência, convidou diversos especialistas integrados em grupos de investigação de vanguarda, no sentido de proporcionar a todos



Fot. 1 - Aspecto da mesa que presidiu à sessão de abertura do Congresso.



Fot. 2 - Vista da sessão de abertura do Congresso Internacional de Riscos.



Fot. 3 - Panorâmica da assistência, durante a sessão de abertura do Congresso.

os actores envolvidos no processo de gestão de riscos um contexto único de intercâmbio de conhecimento técnico e científico, assim como um fórum privilegiado de partilha de problemáticas, de reflexão estratégica no plano operacional e de lançamento de novos desafios à comunidade académica.

O Prof. Doutor Ricardo Alvarez, investigador do Florida Center for Environmental Studies - Florida

Atlantic University, USA, foi convidado para proferir a conferência de abertura, que esteve subordinada ao tema “*Proposta de uma abordagem empírica para a gestão do risco, com vista à redução do dano*”. Tendo em conta a vulnerabilidade das sociedades actuais, face aos riscos e à severidade das suas consequências ao nível da perda de vidas humanas, prejuízos económicos e impactos políticos e sociais, Alvarez defendeu ser necessário definir um modelo mais simples, que aumente a eficácia e a eficiência da gestão de emergência. Apesar das distâncias, tanto física como outras, surpreendeu-nos muito a proximidade existente na interpretação e entendimento de conceitos essenciais, bem como com diversos outros pontos de vista que temos vindo a defender.

Por sua vez, o desastre que, recentemente, afectou a ilha da Madeira constituiu uma rara oportunidade de aprendizagem para todos os agentes de protecção civil envolvidos na operação e não podia deixar de ser considerado neste fórum. No sentido de capitalizar as ilações retiradas da vivência dessa catástrofe, convidámos o Presidente do Serviço Regional de Protecção Civil da Região Autónoma da Madeira, Coronel Luís Neri, para nos transmitir a sua experiência operacional, referindo-se às diferentes fases de intervenção das forças de protecção civil nesta situação de crise (fot. 4). A conferência que proferiu sobre “*A preparação, o socorro e a reabilitação. O exemplo da ilha da Madeira*” despertou grande interesse junto dos congressistas e com ela terminaram os trabalhos da parte da manhã.



Fot. 4 - Vista do Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, tomada durante a Conferência proferida pelo Director do Serviço Regional de Protecção Civil da Região Autónoma da Madeira.

Para, no início da tarde, introduzir a sessão de painéis temáticos paralelos convidámos o Prof. Doutor Fernando Rebelo, enquanto membro do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mas também na sua qualidade de Presidente da Assembleia-Geral da Riscos e de Director da Revista *Territorium*, para dissertar sobre o “*Significado e dimensões do risco: entre a visão holística e as abordagens disciplinares*”. Esta conferência assumiu uma componente essencialmente reflexiva, de índole epistemológica e conceptual, tendo-

se centrado sobre a articulação e complementaridade que deverá existir entre as diferentes ciências que, numa perspectiva científica, estudam os diferentes riscos. Reflectindo sobre a complexidade do conceito de risco Fernando Rebelo salientou que “*quando se passa do plano teórico para o plano prático, há numerosos tipos de riscos*”, tendo apresentado uma definição integradora, sustentada por diversas escolas e autores, em que “*o risco corresponde a um processo ou a um sistema de processos com características que podem prejudicar, directa ou indirectamente, o homem e que, por isso mesmo, será tanto maior quanto maior for a sua exposição a esse processo ou a esses processos*”.

Para dissertar sobre “*Uma nova ciência, o risco*” foi convidada a mais reputada especialista francesa da actualidade e uma das maiores autoridades mundiais sobre riscos, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Yvette Veyret, que é Professora de Geografia da Universidade de Paris X, Nanterre. A sua conferência deveria centrar-se na necessidade de se proceder a uma abordagem pluridisciplinar dos riscos, mas acabou por não se poder realizar devido a que, após ter aceite o convite, razões profissionais a impediram de participar no Congresso.

Por outro lado, uma plena manifestação do risco de deslizamento, que se deu em Hunza (Paquistão), foi responsável não só pela criação de um enorme lago que, imediatamente antes da realização do Congresso, ameaçava rebentar a barragem natural criada por esse deslizamento e provocar a inundação de uma vasta região remota, ocupada por 45 mil habitantes, mas também pelo cancelamento da viagem do nosso convidado Prof. Doutor David Petley, membro do Departamento de Geografia da Universidade de Durham, Reino Unido, que, estando na iminência de ter de partir para o Paquistão, na sua qualidade de consultor do Governo e do Exército, não se podia ausentar de Inglaterra e, por esse motivo, não pôde participar no Congresso.

A sua conferência trataria precisamente da “*Distribuição global do risco de mortalidade por movimentos de vertentes*”, fenómeno que, apenas nos últimos 6 anos, originou a morte de mais de 80000 pessoas. A cartografia do risco de movimento de vertentes, tanto de origem hidro-meteorológica como sísmica, assume uma grande importância na redução da mortalidade que lhe está associada. Petley propunha-se demonstrar que a evolução da mortalidade provocada por deslizamentos de terras pode ser condicionada por mudanças ambientais e sociais. Com efeito, se é expectável que as mudanças climáticas aumentem o risco de mortalidade por deslizamento, outros factores, como a rápida urbanização e o crescimento populacional, podem assumir um papel determinante na sua distribuição geográfica.

As duas conferências plenárias do dia 25, último dia de trabalhos, começaram por uma interessante reflexão, durante a manhã, sobre “*O Mediterrâneo, uma região de*

*risco*”, proferida pelo Prof. Doutor Jorge Olcina, Professor do Instituto Universitário de Geografia e investigador do Laboratório de Climatologia da Universidade de Alicante, que salientou a confluência de diferentes tipos de riscos, no espaço mediterrâneo. Aos riscos geológicos e geomorfológicos, tais como o vulcanismo activo, a sismicidade e os movimentos em massa, acresce, ainda, o risco de incêndios florestais, potenciado pelo tipo de vegetação e pelas condições meteorológicas específicas desta região. Outros riscos climáticos e meteorológicos, como as chuvas torrenciais, os grandes nevões e as temperaturas extremas, também estão presentes. Ora, quando a tudo isto se junta uma densidade populacional elevada, cada vez mais concentrada em áreas litorais, o potencial destrutivo destes processos é cada vez maior e as suas consequências mais nefastas. Por conseguinte, este cenário impõe aos Estados e às Comunidades da bacia do Mediterrâneo a urgente redefinição de estratégias e a adopção de medidas, tanto estruturais como conjunturais, de entre as quais o ordenamento do território emerge como sendo a mais racional e eficaz.

A conferência de encerramento foi da responsabilidade do Prof. Doutor Victor Quintanilla, do Departamento de Engenharia Geográfica da Universidade de Santiago do Chile, que foi convidado para dissertar sobre os “*Antecedentes dos riscos geológicos: Vulcanismo -Sismicidade - Tsunamis, Casos aplicados ao Chile*”, na sequência do sismo que abalou o Chile no passado mês de Fevereiro de 2010, cuja magnitude e, também, a severidade dos impactos causados, suscitaram a necessidade de aumentarmos a nossa compreensão sobre este tipo de fenómenos, cuja previsão, em tempo útil, na maioria dos casos, ainda não está ainda ao alcance da comunidade científica.

Sabíamos que o território chileno corresponde a uma das zonas sísmicas mais activas, à escala planetária, e que está inserido numa das regiões mais instáveis da Terra, onde os processos naturais modificam violentamente o cenário geomorfológico, provocando alterações bruscas e catastróficas na paisagem. A intervenção do Prof. Doutor Victor Quintanilla veio dar-nos exemplos concretos desta instabilidade, tendo referido que, só entre 1990 e 2010, ocorreram 11 sismos superiores a 7º na escala de Richter, a maioria deles concentrados a norte da cidade de Santiago, área onde também se encontram quatro vulcões activos. Permitiu realizar uma importante reflexão sobre as consequências destes processos naturais, assim como sobre a forma mais adequada para se actuar em cenários de crise e, fundamentalmente, como se deve processar a reabilitação do território, após as crises.

Por outro lado, inúmeras questões, abordadas sob perspectivas diversas, foram tratadas nos seis painéis temáticos que integravam o Congresso (fot. 5 a 7), dos quais, os três primeiros, apresentavam uma índole essencialmente teórica, ao passo que, os três últimos, possuíam uma dimensão eminentemente prática, através

da qual foi dado um particular ênfase à investigação aplicada e à gestão de riscos. Estes painéis estiveram subordinados aos seguintes temas:

1. Significado e dimensões do risco: entre a visão holística e as abordagens disciplinares.
2. Pilares das ciências do risco: prevenção, socorro e reabilitação.
3. Equações do Risco: entre o determinismo e o possibilismo.
4. Riscos e cidadania: segurança individual e colectiva
5. Cartografia e modelação de Riscos.
6. Casos de estudo.



Fot. 5 - Aspecto de um Anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, durante uma das sessões temáticas que decorreram em simultâneo.



Fot. 6 - Aspecto de outro Anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, durante uma das sessões temáticas que decorreram em simultâneo.



Fot. 7 - Aspecto de pormenor de uma apresentação num Anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A pertinência e actualidade das temáticas propostas bem como a profundidade reflexiva que presidiram aos debates tidos em cada sessão de trabalhos, produziram as condições necessárias para que este II Congresso Internacional de Riscos tenha alcançado os ambiciosos objectivos a que se propôs, neste momento de convergência de esforços e de cimentação de diferentes percursos resultantes da evolução das ciências do risco.

Este Congresso foi, pois, idealizado para marcar um momento de profunda reflexão, tanto epistemológica, como contextual e conjuntural, efectuada não só com pragmatismo, mas também com o necessário realismo, imprescindíveis ao reposicionamento do estudo dos riscos e das catástrofes, face tanto aos novos desafios e paradigmas, como às novas problemáticas e possibilidades abertas pelo progresso tecnológico, pelo que se destinou a um público alvo abrangente, constituído por investigadores, técnicos, agentes de protecção civil, decisores políticos e actores sociais.

Atendendo ao cenário de crise, mais ou menos generalizada a nível mundial, coincidente tanto com o seu lançamento como com a sua realização, tudo nos levaria a crer que também seríamos por ela afectados, como, aliás, se verificou em termos dos apoios financeiros, mas que, felizmente, pelo menos em parte, não se concretizou no tocante à adesão da generalidade dos participantes.

Com efeito, se é com muita satisfação que temos vindo a assistir ao progressivo aumento do número de participantes e, sobretudo, de palestrantes, o qual duplicou o registado no ano transacto, pelo que fomos obrigados a desdobrar os diferentes painéis em quatro sessões paralelas, com funcionamento em simultâneo, não podemos deixar de manifestar a nossa preocupação pelo acentuado decréscimo do número de participantes institucionais, que foi muito reduzido, apenas 25, porventura o mais baixo desde que há Encontros Nacionais de Riscos e que, por isso, foi merecedor de uma profunda reflexão, no momento da avaliação desta actividade, tanto mais que eles eram e continuarão a ser os destinatários preferenciais deste tipo de acções, pelo que a Riscos não poderá deixar de retirar as necessárias ilações, decorrentes desta quase ausência de participação.

Apesar deste contratempo, foi alcançado algum sucesso, que registamos com muito agrado, para o qual muito contribuiu, sem dúvida, o envolvimento e a participação de diversos jovens investigadores, certamente um sinal de renovação na atitude da comunidade académica, quer na forma de ver, quer na de sentir os riscos e as suas manifestações. Esta demonstração de interesse traduziu-se na submissão de um número significativo de comunicações por estudantes, não só de alunos de cursos de licenciatura, mas também e, principalmente, dos inscritos em cursos de mestrado e doutoramento. No entanto, não podemos

deixar de sublinhar que, a estes trabalhos de pesquisa dos jovens investigadores, se juntaram muitos outros, alguns resultantes de vários anos de investigação e de reflexão, a maior parte dos quais são assinados por reputados técnicos e conceituados especialistas, tanto nacionais como estrangeiros.

Das 132 comunicações inscritas, a generalidade, 95, foi apresentada oralmente, enquanto que 15 se revestiram da forma de poster e 22 acabaram por desistir.

Cabe destacar que o número muito significativo de autores e co-autores envolvidos neste Congresso, 163, dos quais 44 eram estrangeiros. Dos participantes estrangeiros foram os brasileiros que estiveram presentes em maior número, 25, seguidos pelos espanhóis, 6, chilenos, 5, mexicanos, 2, norte-americanos, 2, colombianos, 1, uruguaios, 1, e checos, 1.

É de salientar que, sensivelmente, um terço destes corresponde a estudantes, sendo 3 de licenciatura (1.º ciclo), 8 de mestrado (2.º ciclo) e 3 de doutoramento (3.º ciclo), se bem que ainda se tivessem inscrito mais 4 de mestrado e, outros tantos, de doutoramento, mas que, por falta de apoio financeiro, acabaram por não poder participar. Com a inclusão dos portugueses, 30, 22 e 6, respectivamente por ciclo de ensino, o número de estudantes cifrou-se em cerca de um quarto dos participantes, o que não pode deixar de se considerar bem significativo.

Apesar das dificuldades conjunturais que enfrentamos, a realização deste Congresso, incluindo a viagem de estudo, só foi possível graças ao imprescindível apoio da Autoridade Nacional de Protecção Civil, do Serviço Regional de Protecção Civil da Região Autónoma da Madeira, do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros dos Açores, dos Governos Cívicos dos Distritos de Coimbra e da Guarda, das Câmaras Municipais da Pampilhosa da Serra, Sabugal e Manteigas, do Centro Distrital de Operações de Socorro da Guarda, dos Bombeiros Voluntários do Sabugal, do Gabinete Técnico Florestal do Sabugal e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Para o sucesso desta iniciativa, também foi fundamental a colaboração dos conferencistas convidados, a dedicação dos moderadores das diferentes sessões, o empenho dos autores que apresentaram as comunicações, o entusiasmo dos participantes e, sobretudo, o trabalho voluntário de garbosos estudantes do curso de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que, com dedicação e eficiência, asseguraram o funcionamento do secretariado do Congresso.

Bem-haja a todos!